RESUMO DA FUNDAÇÃO

DO REAL

MOSTEIRO DA BATALHA

E DOS

Tumulos reaes e particulares que alli existem

OITAVA EDIÇÃO

ALCOBAÇA
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO MIGUEL D'OLIVEIRA
1890

RESUMO DA FUNDAÇÃO

DO REAL

MOSTEIRO DA BATALHA

E DOS

Tumulos reaes e particulares que alli existem

OITAVA EDIÇÃO

ALCOBAÇA
Typographia de Antonio Miguel d'Oliveira
1890

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/resumodafundacao00unse

RESUMO

DA

FUNDAÇÃO DO REAL MOSTEIRO DA BATALHA

E DOS

Tumulos reaes e particulares
que alli existem.

Na vespera da Assumpção da Santissima Virgem, 14 de agosto de 1385, estando o nosso rei D. João I acompanhado d'um pequeno numero de portuguezes, fieis e valentes, para dar a memoravel batalha d'Aljubarrota, contra o grande poder d'el-rei de Castella, D. João I, invocou o auxilio da Mãe de Deus e fez solemne voto de lhe erigir um templo sumptuoso, se sahisse vencedor. Derrotado completamente o exercito castelhano, intentou logo o religioso monarcha dar pleno cumprimento á sua promessa; ainda que não pode fixar-se a data do começo da fabrica do mosteiro, comtudo tal foi o motivo da sua fundação, e segundo a acertada conjectura do ex.mo sr. Bispo Conde, póde-se asseverar que teve principio no anno de 1387, ou quando muito de 1388.

Querendo el-rei levantar o edificio nos contornos onde se deu a batalha, escolheu um valle fertilisado pelo rio Lena, e comprou a Egas Coelho e Maria Fernandes de Meira, sua mãe, a quinta do Pinhal, sita no mesmo valle, como consta da carta de doação que fez ao mosteiro, dada em Coimbra aos 14 de janeiro de 1436. A quinta abrangia o local do mosteiro, parte da cerca actual e alguns terrenos aonde se fizeram as necessarias officinas para construcção de tão grande obra.

Quando os trabalhos escassearam, foram-se dando de aforamento estes terrenos a particulares, com expressa clausula de levantarem casas, que hoje constituem a povoação. E é d'esta circumstancia que procede a invocação do templo de *Santa Maria da Victoria,* e do mesmo modo o nome popular, porque é hoje mais conhecido, assim como a villa contigua.

O primeiro architecto, que traçou e dirigiu esta grandiosa obra, foi o mestre Affonso Domingues, natural de Lisboa, freguezia da Magdalena; merecedor de eterna memoria pela capacissima idéa com que delineou o mais bello monumento de architectura do nosso paiz, e um dos mais acabados e perfeitos n'este genero que possue a Europa.

Quando el-rei mandou dar começo ao templo, não tinha ainda assentado na ordem reli-

giosa a quem o daria; a pedido porém do seu confessor fr. Lourenço Lampreia, frade dominico, e do dr. João das Regras, o deu á ordem de S. Domingos, por carta lavrada na cidade do Porto a 4 d'abril de 1436.

Desde a porta principal até ao primeiro degrau da capella-mór tem 83 metros de comprimento, aos quaes juntos $13^{m},2$ que ha d'este degrau até á parede, onde encosta o altar-mór, fica todo o comprimento de $96^{m},2$. A largura é de 22 metros. Tem de altura até ao ponto da maior abobada $37^{m},12$. Das tres naves em que se divide a igreja, tem a do meio $7^{m},26$ e as dos lados $4^{m},62$ cada uma. O que falta para encher a conta dos 22 metros que se dá de largura a todo o corpo, é occupado de pilares que fazem divisão das naves, que são oito por banda, cujas bases, assentadas em quatro, fazem $2^{m},64$ por cada testa.

A primeira capella proxima á sacristia, tem um altar bellamente ornamentado, que imita bem o rico altar de mosaico, que está na ultima capella da Epistola. Ha porém ahi um grande tumulo de pedra que mostra ter tido em cada uma das faces do templo dois escudos de armas, as quaes estão apagadas e picadas; dizem ser de um cardeal da casa do duque d'Aveiro, que descende a familia Tavora.

Na outra capella do lado do Evangelho, existe um tumulo pequeno de marmore branco, lavrado

por todas as faces de flores em relevo, e em cada face o escudo das armas reaes, assentadas sobre a cruz d'Aviz, acompanhadas com o banco de pinchar; dizem ser do principe D. João, filho de D. Affonso V e da rainha D. Izabel, que morreu menino, e tambem uma Campa onde está uma tia do principe.

Na capella-mór, junto ao supedaneo do altar, embutidos nos degraus do mesmo, está uma caixa de marmore branco, com dois vultos da mesma pedra em cima, que figuram el-rei D. Duarte e sua mulher D. Leonor, que alli foram sepultados, com uma singela inscripção latina, cuja traducção é a seguinte:

AQUI JAZ
D. DUARTE I, REI DE PORTUGAL E ALGARVES
E A RAINHA D. LEONOR, SUA MULHER

Na capella do lado da Epistola, está o tumulo de madeira, que encerra as cinzas de D. João II, aonde por mais de tres seculos se conservou inteiro o corpo d'este monarcha. Porém, quando em 1810 o exercito francez invadiu o reino, a soldadesca violou o sagrado dos tumulos, e apenas se poderam salvar os restos informes do corpo do monarcha, que os religiosos de novo encerraram no antigo deposito, que mandaram reformar, e ao lado do mesmo tumulo, está uma campa, que é da familia Coutinho.

Na ultima capella do mesmo lado da Epistola, pegada com a porta travessa, existe um altar de marmore lavrado de mosaico com retabulo egual, cuja capella el-rei D. João I doou a D. Lopo Dias de Souza, valoroso mestre da ordem de Christo.

Diz-se que o tumulo de marmore branco, que alli existe, encerra as cinzas d'aquelle heroe.

No grosso da parede d'esta capella se levanta o bello e magnifico mauzoleu de Diogo Lopes de Souza, conde de Miranda, quarto regedor da relação do Porto, ornado de mosaico em marmore preto: assenta sobre tres leões de bella esculptura, cujas mãos repousam sobre uns ovados de marmore preto, e tem por cima da mauzoleu o escudo das armas d'esta illustre familia, e corôa ducal.

A inscripção que existia n'este monumento foi estragada completamente pelo vandalismo dos soldados francezes em 1810, assim como a corôa ducal e figuras que a adornavam. É da familia de Diogo Lopes de Souza, que descende da casa do duque de Lafões.

A um dos lados do cruzeiro está a porta travessa, e no outro fronteiro o altar de Jesus com um retabulo de pedra, obra moderna. Attribuem á celebre Josepha d'Obidos, dois paineis que estão nos lados, e ao nosso insigne pintor Gran Vasco, os que estão em cima.

Entre as obras primorosas, que encerra o

templo da Batalha, sobresae a capella do augusto fundador, que fica á direita entrando a porta principal da igreja. É uma grande sala quadrada, de 19^{m},8 por cada lado, construida da mesma cantaria da igreja, e coberta de aboboda, com um zimborio no centro, sustentada sobre oito pilares.

No meio d'esta capella ha uma caixa grande de marmore branco, dentro da qual estão os moimentos d'el-rei D. João I, e da rainha sua mulher, D. Filippa, ingleza, filha do duque d'Alencastre; o frizo superior d'esta caixa é guarnecido por uma silva cortada na pedra, em relevo, e entre a folhagem se lê, na metade da sua circumferencia a letra repetida—IL ME PLAIT—e na outra metade a letra tambem repetida—PAR BIEN.

Nas duas faces lateraes e maiores da caixa, estão lavrados na mesma pedra, dois extensos epitaphios do rei e da rainha, em caracteres allemães.

Na face do poente, que é a cabeceira do tumulo, estava em relevo, a cruz da ordem da Jarreteira, circulada da liga, que é a insignia da ordem, com a letra—HONI SOIT QUI MAL Y PENSE.

Sobre o tumulo estão em relevo os vultos do rei e da rainha, com corôa real, e as cabeças cobertas por dois torreões de marmore bellamente lavrados, na summidade dos quaes se veem respectivamente os seus escudos de ar-

mas. O de D. João I tem as quinas direitas assentes sobre a cruz d'Aviz com a orla dos castellos, e corôa real; o de D. Filippa é partido em dois, tendo á direita o escudo das armas de seu marido, e á esquerda o seu proprio brazão; é esquartelado e tem nos lados respectivamente oppostos os leões e as flores de liz.

Ao lado do sul da capella, estão abertos no grosso da parede quatro arcos, onde existem os jazigos dos quatro infantes, filhos de D. João I. O primeiro do lado do poente, é o do filho mais velho, D. Pedro, duque de Coimbra, tão sabio quanto infeliz; governou o reino com bastante prudencia, durante a menoridade de seu sobrinho D. Affonso V, e veio a morrer na infausta batalha da Alfarrobeira. A par do seu tumulo, para a parte interior do arco, está outro encerrando as cinzas de sua mulher, D. Izabel, filha do conde de Urgel, D. Jayme; na orla do tumulo tem a legenda seguinte, em lettra gothica—DE ZIL.

Segue-se, no segundo arco, o mauzoleu do celebre infante D. Henrique, duque de Vizeu (2.º filho de D. João I) nome immortal para a historia da navegação; sobre o tumulo está a estatua d'elle, armado; não tem corôa real, mas sim uma fota á roda da cabeça; na inscripção ficou por encher a data do fallecimento do infante, e o nome da ordem de que foi governador, por falha que ha na pedra; tem na orla do

tumulo a legenda seguinte — TALENT DE BIEN FAIRE.

O terceiro tumulo é o do infante D. João (3.º filho de João I) mestre da ordem de S. Thiago e condestavel do reino; teve por mulher sua sobrinha D. Izabel, filha de D. Affonso, conde de Barcellos, 1.º duque de Bragança, neta do grande Nuno Alvares Pereira: dentro do mesmo arco, á direita do tumulo de seu esposo, está o jazigo d'esta senhora; na orla do seu mauzoleu tem a seguninte inscripção—J'AI BIEN RAISON.

Segue-se o quarto monumento, onde repousam as venerandas cinzas do infante santo D. Fernando (4.º filho de D. João I) mestre da ordem d'Aviz, exemplar da resignação christã, e de todas as virtudes; morreu captivo em Fez. As reliquias que alli existem, foram remidas das mãos dos infieis e trazidas para este reino em tempo de Affonso V, seu sobrinho.

Á porta da capella real, está uma campa de pedra lisa, que cobre a sepultura de um soldado da ala dos namorados, homem muito valente, que foi inseparavel d'el-rei na batalha d'Aljubarrota, defendendo-o de seus inimigos corajosamente e sempre a seu lado, Martim Gonçalves de Maçada.

Pegada á parede da capella real, existe uma grande campa lavrada, que cobre a sepultura de Diogo de Travassos, varão que devia ser de

raras qualidades, visto que o sabio infante D. Pedro, duque de Coimbra, o tinha como aio de seus filhos e regedor de suas terras.

Á entrada da porta principal, ao fundo da escada, está a sepultura do quinto architecto Matheus Fernandes (que foi mestre da capella imperfeita, no tempo d'el-rei D. Manuel) e sua mulher Izabel Guilherme; e tambem o licenciado Miguel Henriques, e sua mulher Antonia de Vivar, com suas filhas. Tem na campa dois craneos esculpidos, cada um com a sua epigraphe em caracteres gothicos; o da parte de cima diz o seguinte—VÓS OUTROS QUE POR AQUI PASSAES A DEUS POR NÓS ROGAI—e o de baixo—NÃO DEIXEIS DE BEM FAZER PORQUE ASSIM HAVEIS DE SER.

A admiravel casa do capitulo, obra primorosa de architectura, tem $74^{m},8$ em ambito, e $14^{m},7$ por cada lanço: é fechada a abobada de cantaria, sem columna, esteio, ou cousa que a sustente! No meio d'esta casa estão dois tumulos de madeira: no da direita, jazem D. Affonso V e sua mulher a rainha D. Izabel; no da esquerda jaz o principe D. Affonso, filho de D. João II, herdeiro da corôa, que morreu cahindo d'um cavallo nas margens do Tejo, junto a Santarem, contando apenas 16 annos de edade e 7 mezes de casado.

Em um dos angulos da casa, no ponto em que um ramo dos arcos vae formar abobada, está o busto em esculptura do celebre archicteto

Affonso Domingues, que delineou e levantou esta admiravel obra, e se collocou no centro da abobada depois de construida, assentada durante 3 dias e 3 noites, dizendo: D'aqui ninguem me retira sem findar o tempo que marquei, por que, como já disse, quero fazer ver ao mestre de Aviz que não foi preciso ter vista para levantar tão grandiosa abobada, e mesmo ao mestre David Ouguet, que estava encarregado para me substituir depois de me faltar completamente o alento da vista; porém era a ideia e actividade. e ajuda de Deus, como diz Alexandre Herculano nas suas «*Lendas e Narrativas*»: Sois litterato reverendo Padre; deveis ter visto algum traslado da Divina Comedia do Florentino Dante, pois sabei que este mosteiro que se ergue diante de nós era a minha divina Comedia, o cantico da minha alma; concebi-o eu; viveu commigo largos annos em sonhos e em vigilia; cada columna, cada mainel, cada fresta, cada arco era canção que cumpria se escrevesse em marmore, por que só o marmore era digno d'ella.

«Os milhares de lavores que tracei em meu desenho eram milhares de versos; e porque ceguei arrancaram-me das mãos o livro, e nas paginas em branco mandaram escrever a um estrangeiro! Loucos! Se os olhos corporaes estavam mortos não estavam os do espirito.

«O extranho a quem deram o meu cargo não me entendeu, e ainda hoje estes dedos desco-

briram n'essa pedra que o meu alento não bafejara . . . . . .

«Este edificio era meu, porque o gerei; porque o alimentei com a substancia da minha alma; porque necessitava de me converter todo n'estas pedras, pouco a pouco, e de deixar morrendo, o meu nome a sussurrar perpetuamente por essas columnas e por baixo d'essas arcarias . . . . . .»

Segue-se o claustro, obra tambem mandada fazer pelo augusto fundador: é quadrado, e tem por cada lanço 55^{m}, dos quaes vão abertos $6^{m},6$ ao longo das paredes altas e espaçosas. N'um dos angulos proximo ao refeitorio está um chafariz. O segundo claustro, muito inferior áquelle, em todo o sentido, foi feito no tempo de Affonso V.

A capella imperfeita, que fica por detraz da capella-mór, mostra uma formosa portada, que se fórma de uns cordões, que começando baixo sobem ao alto, e em volta sem fazer signal de capitel, tornando a descer pela outra até ao chão e começando a fazer como o primeiro que fica mais fóra de todos, uma grande abertura de portal que se lhe ajuntam recolhendo e apartando a entrada em tal diminuição que vem a ficar em uma moderada porta; são sete ao todo os cordões, differentes em architectura e em feitio, mas todos em trabalho de variedade e subtileza de lavores tão perfeitos e com tanto pri-

mor obrados como se fora a mais facil madeira de quantas servem para a esculptura.

Em quatro cordões é parte de feitio uma letra entreposta a espaços, a qual diz o seguinte —TANYAS EREI—Estas duas palavras gregas, significam buscar inquirir novas regiões alusivas ao empenho que el-rei D. Manuel fazia no descobrimento do Oriente.

Entrando pela grande portada, dá-se com um espaço mui extenso e descoberto de fórma circular, com sete capellas todas iguaes, de obra mui perfeita, evidentemente destinada para jazigos da real familia; as capellas estão levantadas e acabadas, mas o edificio ficou descoberto, e as paredes estão levantadas até cima da cimalha, a ponto onde havia começar a subir a ultima abobada, que devia cobrir tudo. El-rei D. Manuel, seu fundador, desviando a attenção para o convento de Belem, que mandou construir, suspendeu os trabalhos da capella imperfeita, provavelmente em 1509, resultando ficar incompleta como se vê. Ha porém alli uma abobada que está ligada com a capella-mór, de onde se comprehende que desgostou el-rei D. Manuel a suspender as obras, e desviar d'aqui suas attenções para os Jeronymos em Belem.

Esta abobada, não só destoa, como é completamente alheia á architectura do portico, e mais anterior das capellas, como tambem ia tirar toda a luz á capella-mór, caso intentassem

completal-a, como facil será descobrir-se, logo que se entra por uma pequena porta de grades, que dá entrada para as mencionadas capellas, a qual está aberta n'um dos altares que alli tencionavam ornamentar.

Devo dizer que este accrescente de renascença, não é obra do architecto Matheus Fernandes, mas sim d'um architecto italiano que el-rei D. Manuel tinha mandado vir para completar esta tão grandiosa obra, por ter fallecido Matheus Fernandes.

FIM